

UM ESPECTRO DE LOUCURA EM MINHA SALA DE VISITAS: REFLEXÕES SOBRE O CONTO “A SEGUNDA VIDA”, DE MACHADO DE ASSIS

Prof^a Dr^a. Rita de Cássia Silva Dionísio Santos
 Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Resumo: Este trabalho pretende analisar alguns aspectos inusitados e fantásticos do conto “A segunda vida”, de Machado de Assis. A partir da intromissão mórbida de uma personagem insana na sala de visitas de um homem religioso em condições de normalidade psíquica, a narrativa nos permite refletir sobre a intercambiável condição da loucura e da sensatez humanas – fazendo-nos pensar como as duas, próximas de nós, podem habitar, contígua e simultaneamente, os mesmos espaços.

Palavras-chave: Machado de Assis; morte; vida; loucura; sensatez.

Abstract: This study aims to analyze some unusual and fantastic aspects of the story "Second Life" by Machado de Assis. From the morbid meddling of an insane character, who is in the living room of a religious man in psychic normal conditions. The narrative allows us to reflect on the interchangeable condition of madness and human wisdom – leading us think how both of them, which are close to us, can live contiguous and simultaneously in the same spaces.

Keywords: Machado de Assis; death; life; madness; sensibleness.

“Quando penso na morte, não é só como a sombra da separação, mas como esse enigma que nos espia no fundo de um espelho onde, se sorrimos, nosso reflexo não pode sorrir.”

Lya Luft

“[...] o fantástico é [...] um gênero em que o provável E o improvável, o verossímil e o maravilhoso, o observável e o imaginário se combinam de modo a cobrir de incerteza as leis da causalidade do mundo narrado”

Maria Cristina Batalha

Trazer à cena um conto machadiano com apelo fantástico é-nos, no mínimo, uma proposta incômoda, considerando que as definições teóricas deste gênero são flexíveis, não existindo entre os críticos um consenso entre os seus limites e aquilo que se pode nomear como estranho ou maravilhoso, por exemplo.

Maria Cristina Batalha, em seu livro *O fantástico brasileiro: contos esquecidos* (2011), destaca que a narrativa fantástica, em sua origem, apresenta-se “presa aos modelos romanescos nos moldes folhetinescos, de inspiração gótica, passando gradativamente pela reflexão filosófica, pela análise naturalista de obsessões mórbidas e da loucura, ganhando feições mais modernas nos moldes kafkianos”.¹ Conforme Batalha, as nossas histórias da literatura e antologias possibilitam afirmar que o fantástico foi muito pouco examinado e frequentemente subestimado pelos críticos brasileiros, os quais manifestavam uma propensão para a literatura documental, voltada para uma concepção substancialista da nacionalidade – olvidando uma construção ficcional assinalada pelo caráter de sobrenaturalidade e suprarrealidade. Contudo, continua a pesquisadora, estudar a literatura brasileira por essa via é resgatar o valor de uma linguagem que tem como substância constituinte o mundo do devaneio e da fragmentação do duplo – por exemplo.

E é nesta visada que a pesquisadora organizou a coletânea acima referida, da qual faz parte a narrativa “A segunda vida”, do escritor Machado de Assis, entendendo como fantástico:

[...] um gênero em que o provável e o improvável, o verossímil e o maravilhoso, o observável e o imaginário, se combinam de modo a cobrir de incerteza as leis de causalidade do mundo narrado, sem que nenhuma das hipóteses levantadas sejam (sic) suficientes para trazer um sentido à natureza do fato estranho que nele se imiscui.²

Publicado originalmente em *Histórias sem data* (Gazeta Literária), em 1884, “A segunda vida”, a começar pela taxonomia do numeral ordinal “segunda”, arremessa-nos em uma espécie de ambiência do instável e em um movimento de sentidos oscilantes e suspensos, por nos conduzir a indagações sobre qual seria, então, a “primeira” vida. Tratar-se ia de uma vida em uma outra dimensão? Quais teriam sido os motivos da reticência da primeira vida? O que teria ocorrido nos intervalos entre a primeira e a segunda vida? Teria, a segunda vida, colocado termo à existência da primeira? Seria a morte? Começamos, portanto, a pensar nesta direção.

¹ BATALHA, 2011, p. 10.

² BATALHA, 2011, p. 14.

Philippe Ariès³, em seu livro *Sobre a história da morte no Ocidente: desde a Idade Média* (Lisboa, Teorema, 1989), apresenta-nos os resultados de pesquisas e meditações sobre as atitudes perante a morte nas culturas cristãs ocidentais e sobre os costumes funerários contemporâneos, e afirma que a antiga prática funerária era muito diferente da nossa, e era caracterizada pela exiguidade e anonimato das sepulturas, pelo amontoamento dos corpos e reutilização das fossas, pelo amontoamento dos ossos nos ossários – sinais que ele interpretou como marcas de indiferença em relação aos corpos. Ariès considera que a primeira atitude perante a morte era a da resignação familiar ao destino coletivo da espécie e podendo resumir-se na fórmula: todos nós morremos. A segunda atitude, que surge no século XII, pode resumir-se em “a morte de si mesmo”. A partir do século XVIII, à morte é dado um novo sentido: preocupa-se mais com a morte do outro, cuja lamentação e saudade inspiram, nos séculos XIX e XX, culto novo dos túmulos e cemitérios – momento em que a morte torna-se exaltada, dramática, impressionante e dominadora⁴. Em meados do século XX, conforme esse autor, deu-se “a grande recusa da morte”, tornando-a vergonhosa e objeto de um interdito⁵.

Nota-se que, paradoxalmente à sua inegável realidade, o tema da morte parece ser – em especial na história do Ocidente – um tabu, cuja abordagem demandaria uma “atitude de compreensão íntima e de observação externa”⁶. Às vezes, sua dimensão torna-se intercambiável com a extensão da vida, tornando a morte e a vida como verso e reverso de uma mesma folha de papel. Este diálogo alternante entre a força da existência e a melancolia da cessação da vida, através da representação ficcional dos mortos-vivos – ou dos “quase-vivos” – pode ser percebido em narrativas de diversos escritores da literatura universal, entre os quais está Machado de Assis.

³ Algumas das reflexões sobre a morte aqui propostas encontram-se melhor elaboradas no texto “Duas imagens enigmáticas: Morte e vida como dimensões intercambiáveis em Franz Kafka, Murilo Rubião e Modesto Carone”. (DIONISIO, In: OLIVA, 2012, p. 213-231.)

⁴ ARIÈS, 1989, p. 43.

⁵ ARIÈS, 1989, p. 55.

⁶ GOLDBERG. In: ARIES, 2003, p. 11. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=AgSIkWRUU6oC&oi=fnd&pg=PA8&dq=MORTE&ots=srtRDwcy8r&sig=IBV5jERIPInhdSMNR9Pfrf-HpPQ#v=onepage&q=MORTE&f=false>. Acesso em: 08 jun. 2012.

Em “A segunda vida”, pode-se notar uma considerável suspensão da crença na realidade, causando um mal-estar no leitor em função da natureza insólita do seu título. Nesse sentido, pensemos – *a priori* – nesta narrativa como um objeto capaz demonstrar a forma como morte e vida se apresentam como dois lados de um espelho, assim também como estados de loucura e insensatez podem infundir, inadvertidamente, em espaços reservados à normalidade psíquica – provocando uma perturbação e um desordenamento do que se considera cartesianamente realizável.

Assim se inicia o conto:

Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido: — Dá licença? É só um instante. Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:
— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.
E, voltando à sala:
— Pronto, disse ele; podemos continuar.⁷

Machado de Assis nos apresenta a história de um certo José Maria que, após a sua morte, procura o Monsenhor Caldas, dizendo-lhe ter passado por outras tantas vidas. O Monsenhor imagina tratar-se de um maluco e manda um serviçal chamar a polícia. Enquanto isso, ouve o visitante, o qual alega ter falecido no dia 20 de março de 1860, “às cinco horas e quarenta e três minutos”, quando tinha 68 anos.

Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis. A sua pegou fogo alguma vez? Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas. Entrei daí a pouco no novo sol, que é o planeta dos virtuosos da terra. Não sou poeta, monsenhor; não ousou descrever-lhe as magnificências daquela estância divina. Poeta que fosse, não poderia, usando a linguagem humana, transmitir-lhe a emoção da grandeza, do deslumbramento, da felicidade, os êxtases,

⁷ASSIS in BATALHA, 2011, p. 38.

as melodias, os arrojos de luz e cores, uma coisa indefinível e incompreensível. Só vendo.⁸

Como era a milésima alma de uma sequência, foi premiado com o retorno à Terra. Ele declarou, então, que como Ihe era "indiferente nascer mendigo ou potentado", escolheu nascer experiente. A expressão desse seu desejo provocou um "riso universal" dos anjos, mas mediante sua insistência, conseguiu o que queria. Tratar-se ia de mais um personagem defunto de Machado de Assis?

Esse homem, aparentando trinta e poucos anos, "pálido, com um olhar ora mole, ora inquieto e cintilante", assentado naquela sala de visitas do Monsenhor Romualdo de Sousa Caldas, havia Ihe pedido uma entrevista a fim de tratar de um negócio grave e urgente. O negócio grave e urgente era o seu amor – correspondido – por uma viúva de vinte e seis anos, que morava em Mata-Cavalos. Pediu-Ihe a mão em casamento; ela aceitou; beijaram-se. Ele saiu à rua e tomou o caminho de volta para casa. No caminho, pensou nos detalhes do casamento, nos convites que fariam, na vida única que teriam – daí a um mês. Ao entrar em casa, "a fantasmagoria voou, como as mutações à vista nas antigas peças de teatro".

— Considerarei, no momento de despir o colete, que o amor podia acabar depressa; tem-se visto algumas vezes. Ao descalçar as botas, lembrou-me coisa pior: — podia ficar o fastio. Concluí a *toilette* de dormir, acendi um cigarro, e, reclinado no canapé, pensei que o costume, a convivência, podia salvar tudo; mas, logo depois adverti que as duas índole podiam ser incompatíveis; e que fazer com duas índoles incompatíveis e inseparáveis? Mas, enfim, dei de barato tudo isso, porque a paixão era grande, violenta; considerei-me casado, com uma linda criancinha... Uma? duas, seis, oito; podiam vir oito, podiam vir dez algumas aleijadas. Também podia vir uma crise, duas crises, falta de dinheiro, penúria, doenças; podia vir alguma dessas afeições espúrias que perturbam a paz doméstica...

Considerarei tudo e concluí que o melhor era não casar. O que não Ihe posso contar é o meu desespero; faltam-me expressões para Ihe pintar o que padeci nessa noite... Deixa-me fumar outro cigarro?⁹

Em meio ao desalinho de seus cabelos, Monsenhor Caldas notava-Ihe a bela cabeça, os termos polidos que usava, as suas maneiras – apesar

⁸ ASSIS in BATALHA, 2011, p. 39

⁹ ASSIS in BATALHA, 2011, p. 43.

dos rompantes mórbidos. José Maria disse-lhe que, após alguns dias, rendeu-se às muitas cartas e lágrimas de Clemência e propôs a ela que fosse morar com ele antes de se casarem a fim de experimentarem se dariam certo. Neste ponto da narrativa, diz ao religioso: “confesse que sou um monstro”. Apesar de humilhada, a mulher mudou-se para a sua casa. Um dia depois disso, ele recebeu a notícia da morte de um tio que lhe deixara uma herança de vinte mil contos. Ele disse a Clemência que certamente ela só aceitara a proposta porque saberia da herança. A mulher se foi. Ele relata ao Monsenhor outros detalhes, poupa-lhe tantos mais. Levanta-se, caminha, para, assenta-se. Reatou a narração, agora de forma mais difusa, mais derramada, mais delirante. Narra, por exemplo, que sonhara que o Diabo lia-lhe o Evangelho.

Chegando ao ponto em que Jesus fala dos lírios do campo, o Diabo colheu alguns e deu-mos. “Toma, disse-me ele; são os lírios da Escritura; segundo ouviste, nem Salomão em toda a pompa, pode ombrear com eles. Salomão é a sapiência. E sabes o que são estes lírios, José? São os teus vinte anos.” Fitei-os encantado; eram lindos como não imagina. O Diabo pegou deles, cheirou-os e disse-me que os cheirasse também. Não lhe digo nada; no momento de os chegar ao nariz, vi sair de dentro um réptil fedorento e torpe, dei um grito, e arrojéi para longe as flores. Então, o Diabo, escancarando uma formidável gargalhada: “José Maria, são os teus vinte anos.” Era uma gargalhada assim: — cá, cá, cá, cá, cá...¹⁰

O homem, que ria de um modo estridente e diabólico, parou de repente, levantou-se, e contou que, assim que abriu os olhos, viu diante dele a sua mulher aflita e desgrenhada. Arrojou-se-lhe aos pés... Neste ponto, a fisionomia do personagem José Maria estava tão transtornada que o padre, também de pé, começou a recuar, trêmulo e pálido. “Não, miserável! não! tu não me fugirás!” bradava José Maria investindo para ele. José Maria tinha os olhos esbugalhados, as têmporas latejantes. O padre ia recuando, recuando. E a narrativa se encerra: “Pela escada acima ouvia-se um rumor de espadas e de pés.”

Assistimos – nós, leitores – a uma narrativa que se desenvolve dentro de outra: uma perspectiva de delírio e uma outra que se prende aos aspectos factuais. Esse caráter intermutável das dimensões narrativas embaralha-se com a primeira e com a segunda vida do personagem José

¹⁰ASSIS in BATALHA, 2011, p. 45.

Maria, o qual diz ter escolhido uma vida experiente, como se apontasse para o fato de que o aprendizado, fruto da inexperience, seria o real sentido da vida humana. Temos, então, uma perspectiva da loucura – que se pode, pelo início da narrativa, aproximar dos sentidos da morte.

Considerações finais

A propósito deste conto, remetemo-nos, novamente, ao estudo de Ariès inicialmente referido, no qual o autor afirma que, no século XVIII, o compartilhar de um mesmo espaço pelos mortos e pelos vivos, além de comprometer a saúde pública pelas emanações pestilentas e odores infectos, aspectos como o solo dos cemitérios saturado de cadáveres e a exibição dos ossários violavam permanentemente a dignidade dos mortos¹¹. Ainda: à luz das reflexões sobre o fantástico, o texto nos possibilita pensar no caráter incerto e ambíguo dos acontecimentos narrados pelo personagem José Maria, demarcando a estranheza experimentada pelo monsenhor e, também, pelo leitor.

Os parágrafos iniciais deste conto promovem a suspensão da crença em realidade, causando um desconforto no leitor, fazendo com que experimentações insólitas se façam presentes, quer seja pela existência de uma atmosfera aflitiva e opressora, quer seja pela instância ilógica daqueles acontecimentos narrados por aquele que, ao fim de um tempo, o monsenhor viu tratar-se de um lunático.

O horror da morte e dos seus efeitos sobre nós pode ser aproximado ao sentimento que se pode experimentar ante a loucura. A ruína e a morbidez nelas habitam. Ora, o que parece estar evidente neste conto de Machado de Assis é a aproximação que se pode fazer da loucura (como um interdito, como incompreensível e desafiadora) com a morte (também incompreensível e desafiadora). O que se percebe, na narrativa, é a inadequação de um ser a um mundo específico: um indivíduo insensato a ameaçar a natureza da ordem; um morto no mundo dos vivos; e o absurdo instaura-se em meio a um estado

¹¹ ARIÈS, 1989, p. 49.

normalidade, no qual comparecem elementos que provocam uma desestabilização do real sensível. Mais ainda: assim como mortos e vivos, em um espaço único, em uma convivência estranha, insólita, suprarreal – quereria “o bruxo”, com esta fabulação, dizer-nos que os espectros de loucura e a sensatez também podem partilhar, simultaneamente, os mesmos espaços de nossa sala de visitas?

Referências

ARIÈS, Philippe. *Sobre a História da morte no Ocidente: desde a Idade Média*. Trad. Pedro Jordão. 2. ed. Lisboa, Portugal: Editorial Teorema, Ltda., 1989.

ASSIS, Machado de. A segunda vida. In: BATALHA, Maria Cristina. *O fantástico brasileiro: contos esquecidos*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2011. P. 36-46.

BATALHA, Maria Cristina. *O fantástico brasileiro: contos esquecidos*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2011.

GOLDBERG. In: ARIES, 2003, p. 11. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=AgSlkWRUU6oC&oi=fnd&pg=PA8&dq=MORTE&ots=srtRDwcy8r&sig=IBV5jERIPInhdSMNR9PfRf-HpPQ#v=onepage&q=MORTE&f=false>. Acesso em: 08 jun. 2012.

DIONÍSIO, Rita de Cássia Silva. “Duas imagens enigmáticas: Morte e vida como dimensões intercambiáveis em Franz Kafka, Murilo Rubião e Modesto Carone”. In: OLIVA, Osmar Pereira. (Org.). *Minas e o Modernismo*. 1ed. Montes Claros: Editora Unimontes, 2012, p. 213-231.

OLIVA, Osmar Pereira. (Org.). *Minas e o Modernismo*. 1. ed. Montes Claros: Editora Unimontes, 2012.

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos possui graduação em Ciências Sociais (1992) e graduação em Letras Português/Inglês (2000) pela Universidade Estadual de Montes Claros; mestrado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005) e doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (2011). Atualmente é professora nos cursos Graduação em Letras e Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Brasileira, Literatura brasileira contemporânea, Literatura Comparada, Literatura infante juvenil, transtextualidade, intertextualidade, Modesto Carone, Murilo Rubião e Franz Kafka; escritoras de Minas Gerais. Membro da Comissão Técnica de Concursos - COTEC, da Universidade Estadual de Montes Claros (área: Literatura). Faz parte do Grupo

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

de Pesquisas em Estudos Literários-GEL da Unimontes e do GT Vertentes do Insólito Ficcional, da ANPOLL. Integra o Corpo Docente do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), constituído pela Rede Nacional de Instituições de Ensino Superior. E-mail: cassiadionisio@hotmail.com